

VIOLÊNCIA ESCOLAR – ESTUDO DE CASO SOBRE A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

Alessandro Calheiros do Carmo

Professor FISBE

alessandro-calheiros@gmail.com

Alisson de Souza Batista

Administrador, Contador,

Professor FISBE

alisson.batista@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem o teor demonstrar e identificar de maneira mais visível e abrangente a onda de violência escolar que vêm se desencadeando em nossa sociedade e em nossas escolas, que no decorrer dos anos que vem aumentando a cada dia que se passa, confrontos, tráfico de drogas, homicídios, agressões entre alunos, dentro ou fora da escola, intimidações a professores por apresentar métodos exigidos pela instituição de ensino, depredações nas salas de aula ou fora dela, e de equipamentos eletrônicos de uso da escola. Alunos, professores, escolas foram vítimas, de alguma forma, de um ato de violência. Faremos uma sugestão de como proceder, qual a prevenção, quais os melhores métodos de combater ou eliminar esses atos. Vamos relatar o envolvimento dos órgãos de segurança pública estaduais e municipais, no combate e prevenção, e o depoimento do Sindicato dos Professores na forma de como lidam com essa questão, e suas ações no combate e ajuda pós-trauma.

Palavras-chave: Violência Escolar, Violência contra a Escola, Violência contra Aluno, Violência contra Professor.

SCHOOL VIOLENCE – CASE STUDY ON VIOLENCE IN SCHOOLS IN THE METROPOLITAN REGION OF BELO HORIZONTE

ABSTRACT

This study has the content to demonstrate and identify in a more visible and comprehensive way the wave of school violence that has been unleashed in our society and in our schools, which in the course of the years that is increasing with each passing day, confrontations, traffic of drugs, homicide, aggression among students, in or out of school, intimidation of teachers by presenting methods required by the educational institution, depredations in classrooms or outside, and electronic equipment used by the school. Students, teachers, schools were somehow victims of an act of violence. We will make a suggestion of how to proceed, how to prevent, what are the best methods to combat or eliminate these acts. We will report on the involvement of state and municipal public safety agencies in combat and prevention, and the testimony of the Teachers Union on how they deal with this issue, and their actions in combat and post-trauma help.

Key words: School Violence, Violence Against School, Violence Against Student, Violence Against Teacher.

INTRODUÇÃO

A Violência Escolar é considerada hoje um dos grandes desafios do meio escolar. Em alguns países são caracterizados como casos de saúde pública, pois é um problema que vem se desenvolvendo numa velocidade muito rápida tornando assim um dos focos mais preocupantes pela sociedade de todo o mundo.

As famílias muitas vezes destituem-se da sua função que é de ser educativa, delegando a escola mais essa responsabilidade. No cerne desta situação, estão as crianças. Interferir nesse fenômeno é necessário para melhorar a qualidade de vida de crianças/adolescentes e escolas/professores que estudam e trabalham. Autores apontam que deve ser uma prioridade a erradicação da violência no âmbito escolar (Abramovay e Rua, 2002).

Os objetivos desta pesquisa nos mostra como caracterizar o fenômeno da violência escolar entre alunos, professores e a própria escola. Sendo assim, este trabalho busca (1) identificar os tipos de violência na instituição escolar; (2) demonstrar a violência escolar entre os alunos; (3) expor a violência escolar contra professores; e (4) apontar soluções que amenizem a violência escolar de maneira eficaz, solicitar o apoio das Instituições de Segurança pública, estaduais e Municipais.

Uma hipótese para nos conceber uma dimensão de como pode-se desencadear esses fatos é que a “Falta de afetividade e convivência gera disfunção familiar, brigas e violência”. Outra hipótese levantada para esta pesquisa é que a “Negligência familiar e escolar proporciona uma falta de valores que na maioria das vezes não são aceitos pela sociedade”.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência existiu desde o início das relações sociais do homem. A palavra violência origina-se do Latim “violentia”, a qual quer dizer agir com veemência e impetuosidade ou “violentus”, aquele que age pela força.

Violência também está relacionada a outra palavra do Latim, “violare” que significa desonrar, ultrajar ou tratar algo ou alguém com brutalidade. O fenômeno da violência surgiu como um dos maiores problemas para a sociedade contemporânea, nas suas mais variadas formas. A violência se traduz em um fenômeno histórico na composição da sociedade (Abramovay e Rua, 2002).

A definição de escola se do latim “schola” e refere-se ao estabelecimento onde se dá qualquer gênero de instrução. Também permite fazer alusão ao ensino que se dá ou que se recebe ao conjunto do corpo docente e discente de um mesmo estabelecimento escolar, ao

método, ao estilo peculiar de cada professor/docente para ensinar, à doutrina, aos princípios e ao sistema de um autor (Peralva, 1997).

Os tipos de violência escolar são representados como: violência física, violência verbal, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial, violência simbólica, violência institucional, violência do *Bullying* e *Cyberbullying* (Peralva, 1997).

Distinção conceitual de violência e não violência tem o propósito de se desvendar os logradouros da violência. Faz-se necessário abordar alguns aspectos relevantes à compreensão de alguns conceitos a fim de evitar que todos sejam tratados como um único entendimento. Para tais conhecimentos o tópico a seguir procura pontuar aspectos dessa diferenciação tais como: violência na escola, violência à escola e violência da escola além de debaterem o significado de incivilidade, transgressão e indisciplina ou até mesmo ato de violência no cenário escolar.

Abramovay e Rua (2002) associaram os atos violentos a fatores como: gênero, idade, etnia, família, ambiente externo, insatisfação/frustração com as instituições e a gestão pública, exclusão social e exercício do poder.

As causas presumíveis da violência são inúmeras, não sendo fácil fazer uma inventariação de todas. Não existem dados estatísticos concretos acerca do número de jovens autores ou vítimas dos alvos de algum ato de violência. A família é o núcleo onde crianças e jovens adquirem o tipo de conduta que exteriorizam. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, toxicodependência, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade, demissão do papel educativo dos pais, etc., são as principais causas que deterioram o ambiente familiar (Peralva, 1997).

O que faz com que um aluno exerça violência? Muitas vezes a raiz do problema não se centra na educação. O jovem apresenta problemas que deveriam ser direcionados para a saúde mental infantil e adolescente, para a proteção social ou até judicialmente. O cerne da questão é que muitas escolas tentam resolver os problemas para os quais não estão preparadas e que não são da sua competência.

Os Grupos ou Turmas muita das vezes podem ser até bem estruturados. Indivíduos têm fundamental importância nos processos de socialização e de aprendizagem nos jovens, porque podem influenciar certos comportamentos que os adolescentes demonstram no cotidiano, sendo assim o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo.

Na escola no passado e até hoje, alunos com menores capacidades intelectuais são estigmatizados, excluídos no fundo das salas de aula, criando, assim focos de revolta por parte daqueles que, de alguma forma, se sentem marginalizados.

Justificando que vivemos intensamente num contexto diversificado onde a trocas interpessoais, dado a circulação de fácil interação entre os indivíduos com acesso à internet e da globalização, o que vem possibilitando a construção de novas atitudes e valores, que vem sendo compartilhada sem a reflexão entre alunos e professores.

A violência escolar pode ser apresentada com umas das novas interações compartilhadas e estabelecidas. Refletir sobre esse tema é de suma importância, pois podemos conhecer de que modo a sociedade está interagindo com os valores e atitudes morais na contemporaneidade.

Estudos levaram em conta o cotidiano da escola para identificar os tipos de violência ali gerada. Focaram nas características da violência escolar com objetivo de identificar os tipos de violência sofrida no âmbito escolar, como os professores e alunos e a instituição de ensino, identificaram a violência gerada e qual a relação desta com a fase da adolescência.

Cabe salientar que muitos dos trabalhos que analisam a temática sobre a violência escolar se referem a esse tipo de violência como consequência de um processo que começaria pela família, sua desestruturação, falta de limites, que é de grande referência da maioria dos adolescentes, e teria continuidade nos grupos e relações sociais pertencentes ao ambiente externo à escola.

A violência no contexto escolar nos coloca de frente com delitos violentos, no contexto escolar, são comuns que em algumas vezes podem resultar em crimes, têm origem nas interações entre os agressores e as vítimas, em determinadas situações. Alguns atos violentos provavelmente são cometidos por pessoas portadoras de tendências violentas relativamente estáveis e duradouras, ao passo que outros são cometidos por pessoas sem a apresentação de tais distúrbios.

Fatores geradores de violência escolar

Dentre os principais fatores psicológicos que levam a prever violência juvenil estão hiperatividade, impulsividade, controle comportamental deficiente e problemas de atenção. Por outro lado, o nervosismo e a ansiedade, estão negativamente correlacionados à violência. Sendo assim surgem alguns desembaraços psicológicos, nos quais, resultam ou alimentam a violência escolar (Peralva, 1997).

A escola, atualmente, tem compartilhado em várias situações de violência que têm preocupado a sociedade, principalmente as pessoas que nela arriscam diariamente que são alunos, professores e o funcionalismo em geral. Essas situações têm mobilizado esforços de muitos no sentido de construir alternativas de solução para o problema que se agrava a cada dia e que alcança vários níveis seja de classe social, de raça etc. Sob este olhar, Riscal disserta:

Nesse sentido, a participação da comunidade da escola na sua gestão, tal como é prevista em lei, constitui um mecanismo que tem como finalidade não apenas a garantia da democratização do acesso e da permanência, com a finalidade de garantir a universalização do ensino, mas também a propagação de estratégias democratizantes e participativas que valorizem e reconheçam a importância da diversidade política, social e cultural na vida local, regional ou nacional (RISCAL, 2010, p. 29).

A escola, há poucas décadas, era um lugar aonde se ia para estudar, ou seja, para aprender, para encontrar colegas ou amigos e criar um vínculo social, merendar e para brincar no recreio. Sendo assim, a escola abrigou por várias gerações desejos, sonhos e realizou parte das nossas fantasias. Antes os temores eram por conta da lição mal sabida e da intolerância de alguns professores. No mais, era um lugar que infundia respeito e segurança contra as agressões de colegas e contra as agressões externas, embora, internamente, xingamentos e castigos corporais fossem de aplicação costumeira em nome da manutenção da ordem e da disciplina.

A partir da década de 80, segundo Peralva (1997), a sociedade brasileira sofreu profundas mudanças com o processo de redemocratização do País que iriam repercutir mais tarde em todas as esferas sociais. Nessa conjuntura de mudanças, constatou-se o aumento da violência urbana, causada, entre outros fatores, pela desordem do processo de urbanização e de desigualdade social. A escola, ponto de convergência da representação de todas as camadas sociais também sofreu os efeitos dessa mudança.

As violências nas escolas começam a tornar-se um fenômeno, especialmente nos anos 80, por alguns motivos: Crescimento populacional, aumento da população urbana, aumento das zonas periféricas nas grandes cidades, aumento da população de baixa renda, aumento da população escolarizada, crise da instituição “escola”, aumento das taxas de mortalidade entre os jovens, e extensão da violência em todo o país.

Os reflexos da violência se fizeram sentir, primeiramente encenando-se nos seus portões e, depois, adentrando-se por suas dependências. De início, os episódios de indisciplinas-conversa fora de hora, empurrões e bate-bocas, agressões mais verbais que física – antes eram fatos rotineiros e corriqueiros e integrados à vida da escola, toma outra direção e significado.

E os raros episódios de agressões em pedras, lâmina de giletes, agressões físicas, agressões verbais, nas quais, ofende-se um terceiro diminuindo a sua autoestima, promovendo e incentivando a violência por vários motivos.

Instrumentos encontrados no próprio ambiente escolar aos poucos vão se avolumando, tornam-se mais complexos, “inovadores” e graves, e se entrelaçam de tal forma que já não pode distinguir a violência que vem de fora ou a que se origina no interior da própria escola. O uso

de armas de fogo e bombas caseiras potentes, facas e outros objetos cortantes, antes objetos estranhos ao ambiente escolar, infelizmente invadem o espaço educacional.

Relação existente entre violência, escola e sociedade

A violência como fenômeno social não nos é estranha, porquanto seja histórica. O que se surpreende é a reprodução de violência no interior escolar, de forma explícita e terrivelmente ameaçadora, pondo em risco a integridade física e psicológica de todos os que nela estão e colocando em xeque as finalidades que justificam sua existência.

A percepção da violência como ação que se manifesta nas relações de convivência entre pessoas de dentro ou de fora da escola advém de motivações e situações as mais diversificadas possíveis, relacionadas a fatores estruturais, econômicos, culturais, políticos, religiosos, valorativos, entre tantos outros.

Segundo Debarbieux (2007), a percepção da violência que adentra os muros escolares se origina em algumas explicações simplistas às quais é possível relacionar diretamente os mais variados discursos sobre o problema. Segundo o autor, O discurso da decadência apropria-se de uma suposta insuficiência parental e o discurso dominante é uma acusação feita aos pais pela falta de referências, Como um jogo de palavras pseudossábias tende a fazer crê-lo. [...] É, portanto, a família que é a principal instituição posta em causa na sua incapacidade de assumir a educação das crianças e nas relações de Violência que aí se atualizam (DEBARBIEUX, 2007, p. 137-138).

O processo educativo se desenvolve no âmbito das vivências sociais e culturais – na esfera familiar, no trabalho, no lazer, na política, na rua, etc., e desenvolve relações sociais das quais emergem significados vários e diversos. No caso a escola promove um espaço de trocas sociais e culturais buscando construir um determinado projeto de ser humanizada, social e de educativa.

Para atingir um processo educativo democrático, problematizador e emancipatório, segundo Freire (1996), é importante que o professor incentive a curiosidade e a autonomia de seus alunos, preocupando-se em aproximar o currículo com as suas realidades e em dar uma formação democrática, não apenas transferindo conhecimento, mas preparando-os para a tomada de decisão consciente, para intervir criticamente na escola e na sociedade.

Tratar de violência na escola significa lidar com uma intersecção de elementos, isto é, lidar com um fenômeno de uma nova ordem e não simplesmente o somatório dos objetos. A violência é um fenômeno singular, pois envolve práticas sociais que para serem compreendidas

com mais clareza, requerem um olhar mais específico e que não as reduza a meras extensões de práticas violentas ou escolares.

A violência de aluno contra aluno muitas vezes a raiz do problema não se centra na educação. O jovem apresenta problemas que deveriam ser direcionados para a saúde mental infantil e adolescente. Na verdade, muitos alunos apresentam comportamentos violentos, sendo a escola sentida como uma imposição representante oficial da família ou do Estado. Ou ainda questões de influência social e ambiental proporcionam ao aluno aderir violência com outro.

Por trás de um aluno violento existe um histórico que cabe aos professores e profissionais da educação analisarem e ter essa percepção. Em muitos casos esses alunos podem estar sofrendo algum abuso sexual, violência física em seu grupo social onde ele é vinculado.

Para Abramovay, Avancini e Oliveira (2006), durante os últimos anos do século XX e nos primeiros anos do século XXI:

a preocupação com a violência nas escolas aumentou e tornou-se questionável a ideia de que as origens do fenômeno não estão apenas do lado de fora da instituição – ainda que se dê ênfase, em especial, ao problema do narcotráfico, à exclusão social e às ações de gangues. (Abramovay, Avancini e Oliveira (2006, p. 30).

Na última década, os registros de violência escolar tornaram-se mais frequentes e ganharam espaço na mídia, muitas vezes divulgados pelos próprios estudantes envolvidos nas agressões, como forma de ganhar popularidade e respeito junto aos colegas.

Assim para os alunos, as aulas são insignificantes e a escola é local de constrangimento e de repressão de desejos. Alguns alunos conformam-se e conseguem permanecer na escola sem apresentarem grandes distúrbios. Outros se revoltam, colocando as normas estabelecidas, e a autoridade “da escola” como motivos para confronto contra os professores e colegas.

Registros de violência e reflexo na escola

Na Europa, especialmente na França, os pesquisadores têm se dedicado ao estudo das incivildades no meio escolar. Compreende-se melhor o que são as incivildades por meio da descrição empírica. Dûpaquier (1999) refere-se a: delitos contra objetos e propriedades (quebra de portas e vidraças, danificação de instalações etc.); intimidações físicas (empurrões) e verbais (injúrias, xingamentos e ameaças); descuido com o asseio das áreas coletivas (banheiros, por exemplo); ostentação de símbolos de violência; adoção de atitudes destinadas a provocar medo (poder de armas, posturas sexistas); alguns atos ilícitos, como o porte e consumo de drogas.

Debarbieux (1998) considera que as incivildades, classificadas por ele como violências antissociais e antiescolares, podem ser traumáticas, sobretudo quando se dão de forma banalizada e são silenciadas, visando a proteger a escola. Segundo Bourdieu (2001), elas seriam possibilitadas por um poder que não se nomeia, que se deixa assumir como conivente e autoritário.

Dentre as múltiplas formas de violências ocorridas no ambiente escolar, preconceito e discriminação são formas de violência simbólica que não só expulsam crianças e adolescentes da escola, mas também expulsam/excluem no interior da própria escola.

A educação é fator fundamental para garantir um desenvolvimento duradouro e sustentável, capaz de promover a inclusão social e o pleno exercício da cidadania.

A violência contra professores um dos mais abrangentes estudos brasileiros sobre violência escolar intitula-se “Violência, AIDS e Drogas nas Escolas”, que deu origem ao livro “Violências nas Escolas”, publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2002.

Baseando-se nessa pesquisa muitas ameaças são geralmente uma das maiores variantes de violência contra professores no ambiente escolar. São ocasionados, na maioria, das vezes, por alunos que tiram notas baixas e apresentam condutas de indisciplina em sala de aula e reagem de maneira agressiva às rotinas que lhe são impostas pelos professores e pela instituição escolar. Eles respondem de formas negativas em determinadas solicitações e com bastante violência, às vezes, verbalizando ou agredindo fisicamente os professores e os funcionários da escola.

A qualificação dos profissionais de educação é necessária para uma atuação adequada, eficaz e responsável, no âmbito escolar, diante das situações de evidências ou constatações de violências sofridas por crianças e adolescente.

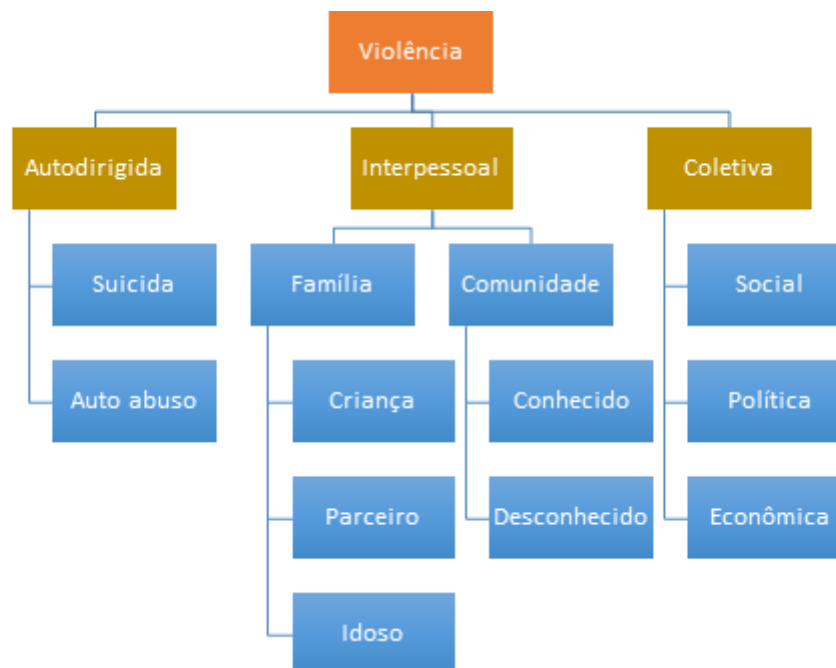
Classificação dos tipos de violência

Abordamos anteriormente as principais origens da violência, e os fatores que culminam em sua prática. Uma definição global pode ser entendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que define violência como

[...] o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. OMS (1996)

Com base na orientação da OMS, define-se que a violência pode ser (a) autodirigida, (b) interpessoal e (c) coletiva. Para ilustrar, na imagem a seguir o gráfico ilustra estas três definições e suas respectivas ramificações:

Figura 1 – Definições da violência e suas ramificações



Fonte: OMS (1996)

MÉTODOS

A pesquisa foi do tipo qualitativa, por meio de aplicação de um questionário com perguntas que procuramos investigar fatos ocorridos em algumas escolas da rede pública de ensino na região que já sofreram algum tipo de ato violento, como danos ao patrimônio, nas quais alunos envolveram-se de alguma forma diretamente e indiretamente em atos violentos contra alunos ou professores ou instituição escolar.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram a equipe pedagógica, diretores e professores. Foi elaborado um questionário contendo 11 perguntas direcionadas às escolas, professores, alunos e serviçais (selecionadas), na região da cidade de Contagem - MG, considerando alguns dados relevantes para levantar as principais causas da violência nas instituições públicas escolares.

O ambiente da pesquisa foi inserido no contexto das escolas e os alunos pesquisados da localidade que se encontra a escola e bairro, região que os alunos residem, áreas de risco.

Mostraremos à frequência com que ocorre a violência e quais as causas que levam os jovens a prática desse ato violento.

Foi feito através de questionário específico sobre a atuação e procedimento de cada órgão de segurança pública estaduais, municipais e conselho tutelar.

ANÁLISE DE DADOS

Do levantamento realizado podemos concluir que as equipes pedagógicas geralmente são formadas por aproximadamente quatro profissionais, podendo variar esse número, o qual faz toda diferença para o atendimento às questões pedagógicas relacionadas aos estudantes.

As instituições de ensino envolvidas nesta pesquisa estão localizadas na periferia da cidade. A comunidade escolar pertence à classe média baixa, sendo que 58% consideram as suas escolas violentas.

A pesquisa aponta também, que o período noturno é considerado o mais violento. É o que mais apresenta casos que geram a violência na escola. Os fatores externos ao espaço escolar são considerados os mais relevantes para a ocorrência de casos de violência.

Nas respostas todos os educadores afirmam que já presenciaram cenas de violência nas escolas. Apontam ainda a violência como um dos motivos principais da evasão escolar, sendo que o índice de repetência é em média de 15% e o índice de evasão é de 25%. A maioria atribui à desestruturação familiar e o desemprego como causa desses índices elevados, os quais agravam os problemas enfrentados pela educação brasileira.

Os casos de violência mais frequente ocorrem nos espaços externos da escola, e muitas vezes, são deslocados para seu interior, obrigando a escola a envolver-se para encontrar uma possível solução. Geralmente, os alunos entre 12 a 16 anos, são os mais envolvidos em casos de violência.

As respostas ao questionário confirmam que o “Projeto Patrulha Escolar” é muito eficiente, realizando um trabalho de prevenção e auxiliando nas ocorrências dentro e fora da escola. Confirmam ainda que os projetos que mais trazem resultados positivos são aqueles em que há a participação efetiva da comunidade como um todo.

Quanto aos casos de violência envolvendo professores, estes ocorreram em todas as escolas que participaram da pesquisa, sendo que a violência verbal é a mais frequente.

Ao responderem a questão sobre qual ação mais eficaz para acabar ou minimizar os casos de violência, responderam que seria necessário investir na estrutura das escolas tanto

física, quanto humana dando maiores condições para os professores desenvolverem o trabalho pedagógico, o qual é a principal função das instituições escolares.

A formação de teoria e prática do professor no lidar com situações de violência, seja como vítima ou testemunha, ou seja, com a vivência da teoria na prática, de acordo com os dados apurados é baixa. O professor se perde na orientação devido à enxurrada de informações que o aluno tem acesso. Professor fica bem amedrontado com as ameaças. Com relação a Estudo/Conteúdo, segundo os entrevistados, falta atrelar o significado que o aluno tem pelo estudo.

A Violência Contra a Escola ocorre com uma dilapidação do espaço e do equipamento escolar, com furto de bens. Isso surge como ato de reação social contra a escola. Pesquisas norte-americanas demonstram que o vandalismo tem sido associado a administrações escolares autoritárias ou, alternativamente, indiferentes e omissas; bem como a diretores e professores que não são receptivos aos alunos, à alta rotatividade do corpo docente e, finalmente, a punições.

Atos de pichação, depredação de muros, janelas, paredes e destruição de equipamentos, acompanhados de furtos, apresentam-se como formas de vandalismo mais comuns apontadas nas diversas categorias de entrevistados. Segundo um dos entrevistados, diversas formas de violência são protagonizadas pelos alunos, tais como:

[...] aluno que chuta a porta bate a porta. [...] vandalismo, ano passado prédio novo estragaram porta, estragaram um monte de coisa, fechadura, riscaram, tacaram pedra. [...] violência externa a comunidade veio roubar fio, quebram vidro com pedrada. Danos que causam grandes prejuízos aos prédios públicos, o que na maioria das vezes se leva um grande tempo para se fazer uma reforma do prédio depredado. (Dados da pesquisa, 2017)

A depredação, em que se inclui arremessar carteiras nos colegas e nos demais profissionais da escola, arrebentar mobiliário por puro ato de vandalismo, depredar banheiros e outras instalações, são acontecimentos que têm deixado a escola em prejuízo material e com ambiente conturbado.

O roubo, parceiro da depredação, aparece na instituição com um fato intermitente no ataque ao prédio e ao patrimônio da escola.

A pichação e o grafite, como fenômeno de violência na escola, trazem em seu bojo opiniões divergentes. Para os alunos, as duas formas têm o mesmo significado e não são consideradas como violência, mas como uma expressão artística. Já outros alunos têm uma

concepção de pichação como um ato de violência à instituição educacional. Já para os professores e os profissionais da instituição consideram que a pichação e o grafite são considerados como depredação ao patrimônio, sendo, portanto, uma violência contra a instituição e a comunidade.

Segundo os entrevistados, os principais métodos de prevenção envolvem:

- Registrar todo e qualquer ato de violência quando feito por aluno ou contra o corpo docente, contra a própria instituição de ensino, registrar Boletim de Ocorrência (B.O.) junto à Polícia Militar e denúncias ao Conselho Tutelar para procedimentos cabíveis.

- Encaminhar a família do aluno para assistente social para ser assistida sobre o comportamento e porque de sua ação de violência, não obtendo resultados fazer encaminhamentos a psicopedagogos, psicólogos e até psiquiatras para uma avaliação mais detalhada sobre o porquê de sua ação com isso as ações podem ser de caráter:

- Preventivo: Antecipar situações de violência, estimular protagonismo e tomada de responsabilidades de todos os atores da vida escolar Imediatamente: Violência em curso para interrompê-la e minimizá-la.

- Curto Prazo: Identificar fatores e pessoas para restaurar os danos – materiais e intangíveis.

- Médio Prazo: monitorar os desdobramentos, se os pactos estão sendo cumpridos, se as relações estão se restaurando.

- Longo Prazo: Espaço de diálogo com alunos aberto, combinar e todos os atores da vida escolar. (Dados da pesquisa, 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi demonstrado, a violência escolar está atrelada a um conjunto de fatores sociais, familiares e financeiros, transferindo o problema e a responsabilidade para os docentes que atuam na instituição de ensino onde estudam, pois alunos de periferias, aglomerados, correspondem às agressões e violência dos problemas muitas das vezes presenciados, temos confrontados diariamente que vem apresentando um aumento constante de violência, embora não tenha havido um aumento paralelo da capacidade dos professores de ajudar esses jovens.

Diante dessas questões, encontramos a resistência dos docentes a novas concepções e mudanças, dessa forma dificultando nas questões mais críticas. Porém alguns professores têm uma conduta de novas concepções para a superação, que se dará a partir de análises e teorias

que permitam aos docentes entender a melhor forma e atuar na transformação, mesmo estando à frente de restrições impostas pelas práticas institucionais, que são históricas e socialmente determinadas.

No entanto, nas escolas o que prevalece é a lei do silêncio, onde não há confiança entre professores, pais e alunos. É essencial rever as políticas públicas inseridas nas escolas com objetivo de diminuir a violência nos segmentos sociais. Ainda há muito que se fazer para combater a violência. Devemos trabalhar os aspectos educacionais e sociais e a, promoção da cidadania.

É impossível uma escola alcançar grandes índices de aprendizagem com alunos e professores convivendo em uma escola mal estruturada, com paredes riscadas, mofadas, janelas com vidros quebrados e mobiliários quebrados, pois são fatores que não incentivam a prática e a aprendizagem. Para que ocorra a aprendizagem é importante que o ambiente seja propício e adequado. Para manter a estrutura física em ordem, é necessário que, além das manutenções de rotina, haja também participação de todos os integrantes da sociedade e comunidade escolar, se unindo com intenção de manter, cuidar e preservar todo patrimônio público.

Já os órgãos de segurança como Polícia Militar com seus programas Patrulhas Escolares e PROERD vêm atuando de forma decisiva às necessidades das instituições de ensino, pois através da sua atuação poderá obter resultados satisfatórios na queda do índice de violência que a Escola vem sofrendo naquela localidade.

Devemos enfatizar diariamente dentro das instituições de ensino uma cultura de paz atuante, que tenha espaço social, cultural e político para suprir as necessidades para transformação social, amenizando falta de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M.; OLIVEIRA, H. O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. In: OLIVEIRA, H. (Org.). Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil. 2. ed. Brasília: UNICEF, p. 29-53. 2006.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. Violências nas Escolas: versão resumida. Brasília: UNESCO, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DEBARBIEUX, E. Violência na escola: um desafio mundial. São Paulo: Horizontes Pedagógicos, 2007.

DEBARBIEUX, Éric (Coord.). La violence à l'école: approches européennes. Institute National de Recherche Pédagogique. In: Revue Française de Pédagogie, n.º 123 . avril, mai-jun, 1998.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INEP. *Talis – Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem. Relatório Nacional*. Brasília: INEP, 2014, 33p. Disponível em: <<http://talis.inep.gov.br>>. Acesso em 10/03/2019.

PEREIRA, S.K. *Violência contra os professores na escola*. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/areas-da-conle/tema11/2016-7221_violencia-contra-professores-nas-escolas_katia-pereira-1. 2016. Acesso em 10/03/2019.

PERALVA, A. *Democracia, violência e modernização por baixo*. **Revista Lua Nova. Cedec**, São Paulo, n.40/41, 1997.

TOSTA, P. S; GONÇALVES, O.A.L. *Síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2002.

World Health Organization. *Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority*. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2).